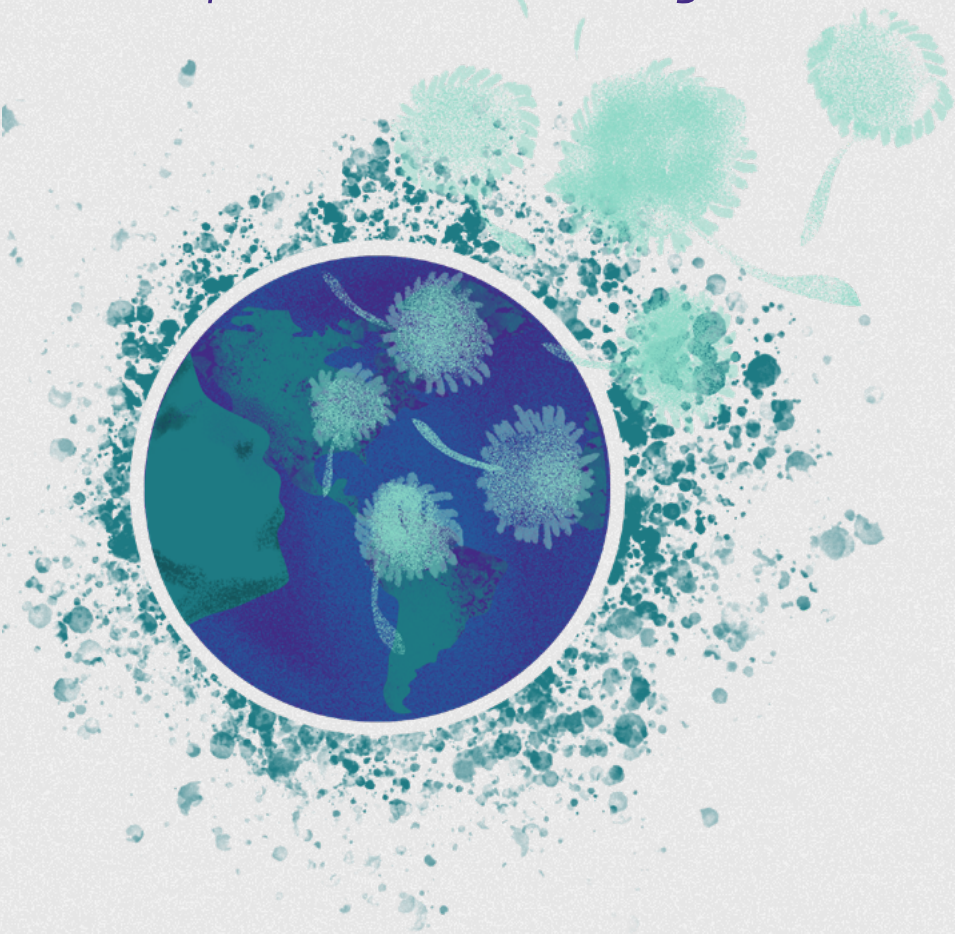
GUIA
FÉ NO CLIMA

Reflexões sobre Mudanças Climáticas para Comunidades Religiosas



RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

GUIA FÉ NO CLIMA: RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Instituto de Estudos da Religião - ISER

Diretora Executiva
Ana Carolina Evangelista

Diretor Executivo adjunto
Clemir Fernandes

Diretora de Operações
Luna Rozenbaum

Coordenação Acadêmica
Regina Novaes

Secretária
Helena Mendonça

Assistente Editorial
Lucas Bártolo

Conselho do ISER
Pedro Strozenberg (presidente)
Alice de Moraes Amorim Vogas
Barbara Musumeci Mourão
Ronilso Pacheco da Silva
Vilma Maria dos Santos Reis

Equipe de Religião e Meio Ambiente
Clemir Fernandes
Isabel Pereira
Julia Rossi
Karina Penha
Moema Salgado
Sharah Luciano

Textos
Clemir Fernandes
Fábio Rubio Scarano
Mirim Ju Yan Guarany
Mãe Nilce de Iansã
Iyá Liliana d`Oxum

Projeto gráfico, capa e diagramação
Bruna Souza

Assistente gráfica
Weyni Rodrigues

Revisão
Liana Fortes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I24g Instituto de Estudos da Religião.
Guia fé no clima: matriz africana / Instituto de Estudos da Religião. – Rio de Janeiro, RJ: ISER, 2022.
30 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-65-5872-224-3

1. Religião – Matriz africana. 2. Sustentabilidade – Aspectos religiosos. 3. Meio ambiente – Conservação. I. Título.
CDD 261.88

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

ISER

Fé no Clima
Comunidades religiosas e mudanças climáticas

SUMÁRIO

Apresentação 04

Ciência e religião unidas pelo planeta: parceria pela vida 05
Clemir Fernandes

O caminho do diálogo no enfrentamento às mudanças climáticas 06
Fábio Rubio Scarano

Glossário 10

Cronologia 13

A Terra é nossa mãe 15
Mirim Ju Yan Guarany

Respeito à natureza, porque eu aprendi assim 17
Mãe Nilce de Iansã

Tradições religiosas afro-brasileiras 19
Iyá Liliana d`Oxum

Caminhos possíveis para a Ação Climática: 5 ideias para pôr em prática 23

Saiba mais sobre mudanças climáticas 25

Entre em contato 28

APRESENTAÇÃO

Há décadas, fala-se da necessidade de repensar a relação dos seres humanos com o meio ambiente. No entanto, o conhecimento científico acumulado, assim como os alertas dos ambientalistas ao longo dos anos, não foram suficientes para provocar um compromisso verdadeiro dos responsáveis políticos, nem uma transformação profunda na sociedade.

Hoje chegamos a um ponto crítico, em que repensar não é mais suficiente. É preciso agir com urgência contra a crise climática, buscando o engajamento de toda a sociedade na construção de novos paradigmas econômicos, políticos, sociais e culturais. A urgência climática nos desafia para a necessidade de sensibilizar, informar e articular diferentes públicos, potencializando e acelerando essa transformação.

As distintas expressões de fé provocam o sentimento de pertencimento a uma comunidade que nos acolhe, sensibiliza e fortalece. Neste contexto, é reconhecido que lideranças religiosas são importantes comunicadoras, pois dialogam cotidianamente com os valores mais profundos das pessoas. Assim, promover convergência entre ética religiosa e ética ambiental mostra-se um caminho poderoso de mobilização e ação.

A iniciativa Fé no Clima foi criada em 2015 no ISER (Instituto de Estudos da Religião), por um grupo de lideranças de diferentes crenças, com o objetivo de ampliar a mobilização e aprofundar o engajamento de líderes religiosos quanto aos desafios da crise climática.

Este **Guia Fé no Clima: reflexões sobre mudanças climáticas para comunidades religiosas** pretende servir de inspiração e de instrumento de apoio para que religiosos e grupos de fé possam agir - das formas mais diversas possíveis - para construirmos mecanismos de mitigação e adaptação às consequências da grave crise climática que já nos atinge.

A primeira parte do Guia traz um texto informativo sobre a evolução e atualidade das mudanças climáticas. Em seguida, temos a honra de apresentar mensagens e inspirações religiosas de diferentes lideranças de comunidades de fé sensíveis ao cuidado ambiental. Por fim, indicamos algumas ideias para atuação e referências para aprofundamento sobre o tema das mudanças climáticas.

CIÊNCIA E RELIGIÃO UNIDAS PELO PLANETA: PARCERIA PELA VIDA

Clemir Fernandes

Cuidado ambiental e conhecimento científico são expressões naturalmente aceitas como pertinentes numa mesma frase. Já uma associação entre meio ambiente e religião pode soar estranha para muitas pessoas, por desconhecimento e até mesmo preconceito de lado a lado, quanto à relação entre ciência/meio ambiente e religião. Mas há avanços na conexão entre esses campos, como o bom exemplo da encíclica Laudato Sí, além de em documentos de diferentes religiões, como do Budismo, do Islamismo, entre outros.

Muito anterior ao "saber científico", e antes até da religião estruturada, os seres humanos viviam uma relação saudável com o ambiente natural que os cercava. Não havia separação formal entre pessoas e natureza, pois estavam perfeita e profundamente interligadas, mantendo ecologicamente o bem-estar de todos os seres. Essa realidade, no entanto, sofreu mudanças, gerando compreensões e segmentações diversas, com consequências prejudiciais para humanos e o restante da natureza. Com o fosso teórico e epistemológico entre religião e ciência, gerado há cerca de 200 anos como se um fosse contraponto do outro, essa relação se complicou ainda mais.

Entretanto, nos últimos anos principalmente, tem havido uma busca de convergência entre saberes diversos, tanto da ciência, da religião e de povos tradicionais, em prol da proteção ambiental. As diferentes religiões e expressões de espiritualidade têm redescoberto e revisitado suas relações com o ambiente, assim como ambientalistas e cientistas buscam aproximações com tais grupos para ações conjuntas em prol de toda vida no planeta. Neste sentido, comunidades de fé agregam à agenda ambiental um propósito transcendental e um imperativo moral para uma ação de cuidado ativo e responsável.

É neste espírito de diálogo e convergência de saberes que o Fé no Clima atua. A iniciativa inter-religiosa de interlocução entre ambientalistas e diferentes comunidades de fé tem promovido encontros e reflexões, conectando saberes religiosos e científicos, na defesa sagrada do ambiente. Para o bem sagrado de todos os seres.

Clemir Fernandes, *pesquisador e Diretor Executivo adjunto do ISER*

Foto: Encontro Internacional Fé no Clima

O CAMINHO DO DIÁLOGO NO ENFRENTAMENTO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Fábio Rubio Scarano

As ações humanas são responsáveis pelas mudanças climáticas, que têm o potencial de tornar a vida na Terra muito diferente do que conhecemos até aqui. Esta é uma conclusão do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC), de 2013. Tal impacto está relacionado ao fato do ser humano moderno se julgar um ente à parte da natureza.

Contudo, nem sempre foi assim. Na Grécia Antiga, cerca de 300 anos antes de Cristo, Aristóteles atribuía à natureza um status quase divino. Na Idade Média, em cuja poesia ela "tinha voz", a natureza era percebida, ora como ordenadora, ora como geradora de caos[1], mas em geral respeitada.

A percepção de separação – tanto conceitual como existencial - dos seres humanos em relação à natureza avançou entre os séculos XVI e XVIII. A partir da chamada "idade da razão", essa

[1] *Robertson K (2017) Nature Speaks: Medieval Literature and Aristotelian Philosophy. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.*

suposta separação se agrava até hoje. O projeto científico de primeiro entender as partes para depois entender o todo parece incompleto. Ficamos nas partes e o resultado é uma segmentação entre saberes: mundo natural e mundo social. No fim do século XVIII, com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, a lógica do capital avançou vertiginosamente.

> A natureza passou a ser percebida como um obstáculo a ser vencido ou como bem a ser explorado, apropriado e consumido. O resultado desse processo é o que ficou conhecido como Antropoceno.

A HUMANIDADE ULTRAPASSOU OS LIMITES PLANETÁRIOS

O Antropoceno, para muitos, é a era geológica atual[2]. A primeira na qual o impacto de uma espécie – o ser humano – é grande ao ponto de alterar sensivelmente indicadores médios referentes aos sistemas naturais da Terra. Como mostra o mais recente relatório científico do IPCC (2021)[3], acima mencionado, alguns dos limites ultrapassados já são irreversíveis, o que implicará no aumento da frequência de desastres naturais extremos.

Essa realidade fica mais evidente a partir da chamada "Grande Aceleração" pós-1950, devido à velocidade da ação tecnológica transformadora da vida[4]. As mudanças climáticas e as elevadas taxas de perda de espécies são dois dos principais indicadores de que a humanidade teria transgredido limites planetários, isto é, ido além da zona de operação segura[5]. Tal transformação ameaça a sobrevivência da própria causadora do problema: a espécie humana.

PLANETA PODE SE TORNAR INABITÁVEL

Caso o padrão atual da atividade humana se mantenha, o cenário que se delineia é aterrador, de um planeta 4°C mais quente[6]. O Acordo de Paris, assinado em 2015, estipula que, até 2050, os países signatários vão se esforçar para que a temperatura chegue a, no

[2] *O Antropoceno teria algo entre 70 e 250 anos, dependendo do autor. O termo surge com Paul Crutzen e as referências originais são os artigos: 1) Crutzen PJ, Stoermer EF (2000) The "Anthropocene". IGBP Global Change Newsletter 41: 17-18. 2) Crutzen PJ (2002) Geology of mankind. Nature 415: 23.*

[3] *IPCC, 2021: Summary for Policymakers. In: Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [MassonDelmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M. I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J. B. R. Matthews, T. K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. In Press.*

[4] *Steffen W, Broadgate W, Deutsch L, Gaffney O, Ludwig C (2015). The trajectory of the Anthropocene: the Great Acceleration. The Anthropocene Review 2: 81-98.*

[5] *Steffen W, Richardson K, Röckstrom J, et al. (2015). Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet. Science 347 DOI 10.1126/science. 1259855.*

máximo, 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Tal acordo se baseia em evidências e projeções científicas que dão conta que os efeitos de um aumento de temperatura na faixa de 2°C incluem, dentre outros, degelo do Ártico e dos glaciares, com consequente elevação do nível do mar e inundações, além de queda brutal na produtividade agrícola. Seria um mundo inóspito para a espécie humana e muitas outras espécies[7]. É, portanto, razão de intensa preocupação a constatação do já citado último relatório do IPCC que dá conta que deveremos ter alcançado 1,5°C já em 2030. Ainda que todos os compromissos nacionais do Acordo de Paris venham a ser cumpridos, a temperatura média do planeta deverá se elevar, até o ano 2100, em pelo menos 2.6 a 3.1°C, comparada com os valores da era pré-industrial[8]. Logo, mais esforços na redução de emissão de gases estufa precisarão ser feitos pelos países.

O Brasil, um dos países que assinaram o acordo, assumiu compromissos como zerar o desmatamento ilegal, restaurar 12 milhões de hectares de áreas degradadas, aumentar o uso de biocombustíveis e de energia limpa até 2030. Entretanto, hoje mais de dois terços

[6] *IPCC (2013) Climate change 2013: The physical science basis. Contribution of Working Group I to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge.*

[7] *Ver revisão sobre esse tema em Scarano FR (2017) Ecosystem-based adaptation to climate change: concept, scalability and a role for conservation Science. Perspectives in Ecology and Conservation 15:65-73.*

[8] *Rogelj J, den Elzen M, Höhne N, et al. (2016) Paris Agreement climate proposals need a boost to keep warming well below 2° °C. Nature 534:631–639.*

das emissões de gases estufa no país vêm de atividades ligadas a mudanças no uso da terra, como o desmatamento. Em 2019, o Brasil foi o sexto maior emissor mundial. Num cenário de manutenção do atual padrão de emissão, o país tem alta probabilidade de chegar a 2100 com 4°C de elevação de temperatura, em comparação à era pré-industrial. Isso significaria inundação de áreas costeiras e aumento na frequência de ciclones tropicais de alta intensidade, dentre outros efeitos maléficos para a vida de muitas pessoas, principalmente a populações mais empobrecidas, por terem menos alternativas de se proteger. Vários desses eventos extremos já se fazem sentir[9].

É PRECISO PENSAR NAS GERAÇÕES FUTURAS

Para se adaptar às mudanças climáticas, o atual modelo de desenvolvimento, baseado no uso insustentável do meio ambiente, precisará mudar. Assim, a chamada "sustentabilidade" emerge como antídoto aos males do Antropoceno. Hoje se caracteriza como um valor, como ciência, como política e também como preceito ético, na medida em que incorpora a preocupação com gerações futuras e também com as espécies não-humanas da natureza. Com o seu tripé social-econômico-ambiental, a sustentabilidade nos convida a perceber a natureza como parte da solução e não mais como problema, que de fato não é. Este é um chamado para a reintegração do ser humano à natureza. Tal caminho é coletivo, precisa de muito diálogo, da atuação governamental e empresarial, assim como das escolas e meios de comunicação, mas passa fundamentalmente pela transformação individual, por uma nova consciência e prática em nossas casas, em nossas comunidades de fé.

> Dialogar com informação qualificada é essencial para enfrentar o desafio do combate às mudanças climáticas – que envolve conservação da natureza, redução da pobreza e desigualdade.

Se a voz da ciência é necessária para informar e projetar com precisão; se a voz da arte é indispensável para inspirar; se as vozes dos conhecimentos ancestrais – indígenas e tradicionais – são essenciais por serem próprias de humanos que não se apartaram da natureza, a voz da religião é imprescindível para nos remeter ao senso de fraternidade, de casa comum e para renovar a esperança na humanidade e no mundo.

Fabio Rubio Scarano, *professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro*

[9] *Nobre CA, Marengo JA, Soares WR, eds. (2019) Climate Change Risks in Brazil. Springer, Cham.*

GLOSSÁRIO[1]

[1] *Termos são apresentados na sequência em que são mencionados no texto.*

Termo	Definição
Temperatura média global	A temperatura média do planeta é obtida tomando-se a temperatura do ar medida por inúmeras estações meteorológicas ao redor do mundo. A cada uma é atribuído um peso, conforme a área que representam. Calcula-se, então, a média pela soma de todos os valores dividida pelo número de pontos de medição. Hoje, estima-se que a temperatura média global seja 1,1ºC superior ao valor da era pré-industrial e que esse aumento se deve à ação humana no planeta.
Gases de efeito estufa	Conjunto de gases que absorvem parte da radiação infravermelha emitida pela Terra, e que dificultam seu escape para o espaço, mantendo-a aquecida. Tal efeito vem sendo exacerbado pela ação humana, que tem acumulado mais desses gases na atmosfera. O dióxido de carbono (CO2), o metano (CH4) e o óxido nitroso (N2O) são exemplos desses gases.
IPCC	O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas é um painel mundial de cientistas, criado em 1988 pelas Nações Unidas, para produzir regularmente relatórios de avaliação baseados na melhor ciência disponível. Cada edição dos relatórios conta com especialistas do mundo inteiro.
Crise climática	O processo de aumento da temperatura média (aquecimento) global decorrente do acúmulo de gases estufa, predominantemente decorrente de emissões provocadas pelo homem, resulta num estado climático caracterizado por maior incidência local de eventos extremos, que incluem secas, inundações, tempestades, ciclones, tornados, ondas de calor, de frio, etc., sempre dependendo da localidade em questão.
Abordagem reducionista	Faz parte da lógica do método científico desenvolvido pelo cientista e filósofo francês René Descartes, no século XVII, reduzir o todo às suas partes, entender partes, para, em seguida, entender o todo. Pode ser problemática quando se concentra nas partes, deixando de lado o 'todo'.
Antropoceno	Termo cunhado pelos cientistas Paul Crutzen e Eugene Stoermer, no ano 2000, para denominar a atual época geológica, que se caracteriza pela dominação humana e seu imenso impacto na Terra. Tal impacto caracterizaria uma distinção em relação ao restante do Holoceno, o que justificaria, segundo esses autores, a definição de uma nova época. Como sempre, na ciência esse conceito tem encontrado alguma resistência, mas o fato é que já se popularizou e vem sendo empregado em vários campos. O Antropoceno teria algo entre 70 e 270 anos, dependendo do autor.

Sistemas naturais	A ciência, por vezes, reduz o todo universal a sistemas naturais (tudo que existe independente da ação humana, por exemplo, biosfera, sistema solar, etc.) e sistemas humanos (pessoas e tudo que deriva da construção humana, por exemplo, cidades, prédios, etc.).
Holoceno	O Holoceno é a época ainda considerada formalmente pela ciência como sendo a atual, que surgiu com a última glaciação, entre 11 e 12 mil anos atrás.
Mudanças climáticas	Dizem respeito à variação do clima em escala global ou regional. Há um componente natural dessas mudanças, mas o que hoje está em curso se atribui principalmente à ação humana.
Limites planetários	Grupo de pesquisadores liderados pelos cientistas Johann Rockström e Will Steffen propõe haver nove limites que o planeta não deve ultrapassar para que a vida, como a conhecemos, continue a operar em segurança. Três limites, porém, já foram ultrapassados (e são inter-relacionados): crise climática, perda de biodiversidade e desequilíbrio do ciclo de nitrogênio.
Acordo de Paris do Clima	Acordo firmado entre os mais de 190 países que assinam a Convenção do Clima, entre eles o Brasil, que estipula limite de temperatura média do planeta a não ser ultrapassado até 2050. Os países signatários anunciaram também compromissos nacionais de redução de emissões de gases estufa.
Convenção do Clima	A Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas foi acordada pelos países signatários no Rio de Janeiro, em 1992. Ela dispõe sobre metas de redução e compensação de emissões de gases estufa e reúne quase todos os países do mundo. Entretanto, o acordo não é legalmente vinculante, ou seja, os países não são penalizados se não o cumprirem.
Degelo do Ártico e dos glaciares	O derretimento da calota polar ártica, bem como o de glaciares em montanhas elevadas (como, por exemplo, Andes, Alpes, Himalaia) é resultado do aumento da temperatura média global. Estima-se que os 14 maiores recordes de derretimento do Ártico se deram nos últimos 4 anos. As consequências são planetárias e incluem elevação do nível do mar.
Mitigação das mudanças climáticas	Diz respeito a ações que envolvam a redução na emissão de gases estufa. Normalmente se relaciona a mudar a matriz energética baseada em combustíveis fósseis, como o petróleo. Energia limpa, conservação de ecossistemas naturais (que estocam e sequestram gases estufa) e mudanças nos padrões de produção e consumo, transporte, etc., exercem tal efeito mitigador.

Adaptação às mudanças climáticas	Ações que aumentam a capacidade humana de lidar com um estado climático alterado em relação ao atual. Em outras palavras, ações que reduzem a vulnerabilidade e o risco de populações humanas se exporem a tais mudanças. O uso da conservação e recuperação de ecossistemas para aumentar a capacidade adaptativa tem se provado eficiente e de baixo custo em vários casos.
Paradigma de desenvolvimento	O paradigma de desenvolvimento vigente é o da geração e acúmulo de capital, baseado na transformação da matéria-prima. A ciência tem demonstrado a insustentabilidade desse paradigma, que exaure os recursos naturais e não assegura uma distribuição justa e equitativa do capital gerado.
Áreas costeiras	São os territórios, habitados ou não, que acompanham a linha de costa, o litoral.
Ciclones tropicais	São tempestades tropicais que se formam geralmente nos oceanos, em zonas de baixa pressão atmosférica.
Desmatamento ilegal	No Brasil, estima-se que cerca de 80% da conversão de ecossistemas naturais terrestres para outros tipos de uso (por exemplo, agricultura) esteja fora da lei. Trata-se, portanto, de um crime que, no Acordo de Paris, o Brasil se compromete a conter até 2030.
Técnicas agrossilvo-pastoris	São práticas que combinam, sobre uma mesma área cultivável, a agricultura, a silvicultura (cultivo de árvores) e a pecuária. Com frequência, tais sistemas de produção são também chamados de agroflorestas e, por vezes, possuem uma orientação orgânica.
Sustentabilidade	Originalmente definido como "o tipo de desenvolvimento que supre as necessidades do presente sem comprometer a habilidade de futuras gerações suprirem as suas", hoje estima-se que o termo já tenha mais de 300 definições diferentes.
Relatório Bruntland	Relatório produzido sob os auspícios das Nações Unidas, em 1987, pela ex-primeira ministra norueguesa Gro Brundtland. O relatório inaugura definições de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade.
Tripé social – econômico - ambiental	Justiça social, crescimento econômico e equilíbrio ambiental são os três indicadores que se integram no conceito de sustentabilidade. Há autores que incluem também outras dimensões.
Ética intergeracional	A ética moderna, de Immanuel Kant, é uma ética humana e com foco no presente. O conceito de sustentabilidade demanda uma ética que se preocupe com gerações futuras, humanas e não humanas.
Neutralização de emissões	Ações que removam gases estufa da atmosfera, compensando emissões, por exemplo, plantio de árvores.

CRONOLOGIA DE EVENTOS IMPORTANTES RELACIONADOS AO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

- **1784** – Início do Antropoceno
- **1950** – Início da Grande Aceleração
- **1960** – Consolidação do ambientalismo como movimento social
- **1972** – Estocolmo: Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano
- **1979** – Publicação do Relatório Charney: relação entre temperatura, clima global e concentração de gás carbônico na atmosfera
- **1987** – Publicação do Relatório Brundtland: a sustentabilidade emerge como conceito
- **1988** – Lançamento do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU)
- **1992** – Rio de Janeiro: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92)
- **1992** – Rio de Janeiro: são criadas as três convenções da ONU: clima, biodiversidade, desertificação
- **1994** – Relatório do Banco Mundial: sustentabilidade se consolida como conceito
- **1997** – Convenção do Clima: assinatura do Protocolo de Kyoto, que define metas de redução de emissão para países desenvolvidos
- **2000** – Sustentabilidade se torna aparente em manifestos governamentais e começa a compor a redação das missões de grandes corporações
- **2000** – 8 Objetivos do Milênio das Nações Unidas, a serem alcançados até 2015

Foto: Vigília Inter-religiosa Um Novo Dia Pela Terra (Eco 92)

CRONOLOGIA DE EVENTOS IMPORTANTES RELACIONADOS AO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Cúpula dos Povos (2012) por: Agência Brasil

2006 — Lançamento do Relatório Stern (sobre a economia das mudanças climáticas) e do filme "Uma Verdade Inconveniente" de Davis Guggenheim

2007 — IPCC ganha o Prêmio Nobel da Paz

2012 — Rio de Janeiro: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável

2015 — Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, 17 ao todo, a serem alcançados até 2030

2015 — Convenção do Clima (COP 21): assinatura do Acordo de Paris

2015 — Publicação da Encíclica Laudato Sí, do Papa Francisco

2018 — Início do movimento global Fridays for Future (Sextas pelo futuro), com as greves pelo clima, propostas pela jovem ativista sueca Greta Thunberg

2020 — Pandemia da Covid-19: ciência indica relação da pandemia com degradação de ecossistemas e mudanças climáticas

2021 — 6º Relatório do IPCC alerta: a atividade humana é a principal responsável pelas alterações climáticas e limites de sistemas naturais planetários já foram ultrapassados. Alguns são irreversíveis

A TERRA É NOSSA MÃE

Mirim Ju Yan Guarany

Nós, povos indígenas, reconhecemos que a Terra é nossa mãe e que, por meio dela, somos parte de um universo espiritual muito maior. Essa consciência é compartilhada, também, pelos povos que trazem em suas religiões e culturas a memória ancestral da relação comum, em comunhão com o mundo.

Somos parte de uma imensa diversidade. Hoje, passados mais de cinco séculos de guerra de dominação e homogeneização contra nossos povos e nosso mundo, somos mais de 300 povos distintos no Brasil, com línguas e culturas próprias, e ainda dezenas de povos em auto isolamento nas florestas, fazendo o trabalho silencioso de cuidado com a vida. Infelizmente, ainda hoje, a guerra contra nossos povos e territórios continua. No entanto, mais antiga do que essa guerra é a resistência espiritual, é a consciência ancestral repassada de geração em geração há dezenas de milhares de anos; é a memória viva em nossas culturas, em cada espírito, de quem somos, que vem diretamente do criador para cada povo.

Nossa diversidade é tal como a diversidade da natureza, como o beija-flor. Quantas são suas cores, que em seu voo nos mostra a sutileza do equilíbrio. Por sermos mais novos na Terra do que o restante da natureza, a reconhecemos como nossos irmãos mais velhos e a respeitamos assim, como família. Como nossa mãe, nossa casa, nosso mundo, nosso cosmos, nosso ser. Essa é a consciência que fundamenta nossas cosmologias.

CONSCIÊNCIA É MEMÓRIA, POR ISSO, É ANCESTRAL

Não há fronteiras na relação dos povos indígenas com a Terra e toda a natureza. Assim como, na própria natureza, não existem fronteiras. O rio leva suas águas para ambas as margens, o vento está sempre a voar, sem limites.

A Terra e sua natureza vêm nos ensinando desde que viemos para cá. A sua consciência é muito maior do que a de qualquer ser humano, mas, em comunhão, conseguimos acessá-la e sermos um só. Ambas foram criadas por Nhanderu Tenondé e Nhandexy Tenondé, o Grande Espírito criador, nosso pai e nossa mãe primeiros. A natureza guarda as verdades, a consciência, os códigos e fundamentos da Terra, que orientam toda nossa cosmologia, epistemologias e ciências.

> A Terra é um ser vivo, possui espírito, como toda a sua natureza. É senciente, tem consciência, é sagrada.

Essa é uma verdade original que estamos a compartilhar com toda a humanidade, para que se lembre de suas raízes e ligações espirituais ancestrais, pois consciência é memória e, por isso, é ancestral. Renova-se, mas é o próprio espírito que nos une. E é uma verdade que vem para equilibrar o que está em desequilíbrio para que possamos, juntos, cuidar do equilíbrio da vida. A consciência ancestral traz ensinamentos que foram deixados de lado ao longo do tempo pelas sociedades globalizadas, que são baseadas em uma razão objetificante. É a luz da consciência que pode nos ajudar a compreender mais sobre a verdade do universo, o que é a vida, a vida que somos, nossas sociedades e sobre cada uma e cada um de nós.

CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE DEVEM DIALOGAR

Nossa relação com a Terra e com o território é indissociável. Somos os povos originários ancestrais desta Terra Yvyrupa e a demarcação e homologação dos territórios indígenas é um direito que Nhanderu nos deu, assinado na Constituição Federal e que a Justiça precisa também assegurar. Territórios ancestrais, lugar da vida, onde há a consciência do equilíbrio da vida. Não demarcar gera muita violência e, em si, já é uma violência colonial dominadora.

Algumas filosofias religiosas e científicas tratam a Terra como um objeto, consideram que o homem estaria acima dela e que seria o seu dono. Com base nessa mentalidade de domínio, de 'sou o dono da verdade', quantas guerras não foram feitas? Quanta destruição não resultou dela? Onde os fins justificam os meios, perdidos estão os princípios.

A destruição da natureza, que ocasiona as mudanças climáticas, é muito visível para nós. São cinco séculos de terras sendo destruídas ao nosso redor e indígenas sendo violentados e expulsos de seus territórios tradicionais. Os povos indígenas foram os primeiros que perceberam para onde leva o caminho da destruição. Como dizem os provérbios antigos, quando os rios estiverem sujos, as florestas derrubadas, veremos que dinheiro não se come. Estamos aqui para que as sociedades tomem consciência disso e evitemos mais destruição.

Para que exista equilíbrio entre as diversas formas de vida e o ecossistema, é preciso que ciência e espiritualidade dialoguem, que as instituições, empresas e religiões respeitem os povos indígenas e tudo que temos a dizer. A palavra que define esse diálogo se chama consciência, entendida não apenas como conhecimento, mas como modo de pensar, estar e ser. E os povos Indígenas, como anciões da humanidade, possuem em suas culturas vivas e sabedorias a conexão com essa consciência, tendo muito o que ensinar e continuar aprendendo.

Mirim Ju Yan Guarany
Jovem morador e aprendiz da aldeia Tekoa Itakupe em São Paulo e graduando em Geografia na Universidade de Brasília (UNB).

RESPEITO À NATUREZA, PORQUE EU APRENDI ASSIM

Mãe Nilce de Iansã

Dentro do nosso espaço sagrado e nas diversas oportunidades que eu tenho para falar sobre a minha fé, costumo dizer que não entrei para o candomblé, mas nasci dentro dele.

Sou da terceira geração de mulheres de terreiro e minha bisavó, Iyá Davina, é nossa grande referência sobre os ensinamentos daqueles que vieram antes dela. Seguindo as tradições de nossos ancestrais, ela sabiamente repassou tais conhecimentos para sua herdeira, Mãe Meninazinha de Oxum, que nos vem transmitindo a força deste aprendizado. Portanto, os aspectos da minha vida pessoal e religiosa são indissociáveis da minha formação moral, ética e emocional. Talvez por isso, usamos o seguinte jargão: nossos passos vêm de longe!

A SABEDORIA DOS MAIS VELHOS GUIA NOSSOS PASSOS

Desde pequenas, em nossas brincadeiras de criança ou participando das cerimônias litúrgicas do candomblé, aprendemos o valor de respeitar a outra e o outro, sobretudo os mais velhos, pois é a sabedoria deles que vai guiar nossos passos. Em nossa cultura, os conhecimentos são tradicionalmente repassados de forma oral, na vivência em comunidade. Nosso aprendizado se dá na prática diária, entre erros e acertos.

> Dentre essas experiências vividas no terreiro, uma das mais significativas, e por que não dizer, dogmáticas, é respeitar incondicionalmente a natureza. Pois é nela, e com ela, que exercemos nossa fé junto aos orixás.

Em nossas crenças, acreditamos que os orixás que tanto cultuamos e amamos exercem suas forças por meio dos vários fenômenos naturais: do ar que respiramos, dos mares, rios, cachoeiras, matas, manguezais, vulcões e arco-íris, para citar apenas alguns. Da mesma forma, esses fenômenos estão representados por alguns animais, como pássaros, mamíferos, insetos, répteis e peixes, dentre outros. Nós nos sentimos abençoadas quando nos deparamos com situações em que estejam presentes alguns desses elementos. Louvamos com muita reverência os orixás por isso.

SOMOS CONTRA PRÁTICAS QUE DEGRADEM A NATUREZA

No Ilê Omolu Oxum, aprendemos a cultuar os nossos orixás sem oferecer danos ao meio ambiente. Somos totalmente contrárias às práticas que poluem e degradam a natureza por razões religiosas, sejam elas quais forem. Até mesmo para acender uma vela, é preciso ter responsabilidade e fazê-lo em ambiente controlado e sem riscos de provocar um acidente.

Sentimos alegria quando observamos a população brasileira em peso vestir roupas brancas para reverenciar Yemanjá, nos festejos de Ano Novo. Mas, por outro lado, ficamos horrorizadas com as toneladas de lixo de toda espécie que são deixadas para trás por conta dessas celebrações, para citar apenas um exemplo icônico da cultura popular relacionado às nossas crenças.

NUNCA É TARDE PARA MUDARMOS DE ATITUDE

Estamos vivendo uma crise climática mundial. Os oceanos sofrem com a grande quantidade de despejo de materiais não degradáveis, que estão intoxicando nossas águas. Nossas florestas estão sendo dizimadas por incêndios, exploração ilegal de madeira e minérios, e seus povos originários estão sofrendo com invasões e ameaças à sua existência. Não bastasse isso, na grande maioria dos grandes centros urbanos inexistem políticas públicas de coleta seletiva e reciclagem de lixo que deem um destino correto para o descarte das sobras daquilo que consumimos.

Estamos em pleno século XXI e ainda carecemos de muita educação para aprendermos a cuidar corretamente do lugar onde vivemos.

Nunca é tarde para mudarmos de atitude, dentro e fora dos terreiros. É preciso ter cuidado com o solo que pisamos e a água que bebemos. Quem agride a natureza está agredindo a si próprio.

Kosí Ewé, Kosi orisà. (Sem folha não tem orixá.)

Mãe Nilce de Iansã *é coordenadora Nacional da Renafro e conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher*

TRADIÇÕES RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL

Iyá Liliana d`Oxum

Preservar a Natureza é uma característica que fundamenta as tradições religiosas afro-brasileiras. Nosso objetivo, na coexistência com todas as espécies, é cuidar dela para melhorar a qualidade de vida de todos. Temos o firme propósito de inspirar novas gerações para mudanças de hábitos e atitudes, diante dos graves impactos causados pelas transformações ambientais.

Sabemos que o contexto atual é profundamente marcado pela preocupação com a degradação ambiental, que se torna cada vez mais forte e iminente, mobilizando educadores, pesquisadores e formuladores de políticas públicas das mais diversas instituições sociais.

Nossos cultos se expressam por meio da Natureza e todos os nossos ritos, símbolos e atos estão interligados, por isso, primamos por manter a interação com o meio ambiente, este é o nosso legado ancestral. Trata-se de um esforço que propicia o envolvimento de comunidades, famílias e indivíduos, tornando todos mais conscientes e aptos a encontrar um significado para o futuro.

CUIDAR DA NATUREZA É UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

O fato de vivermos uma pandemia sem precedentes deixa ainda mais evidente a necessidade de nos conscientizarmos e educarmos para os cuidados com o meio ambiente.

Preservar a natureza é um caminho fundamental para o bem-estar do próprio ser humano, pois o surgimento do coronavírus está exatamente relacionado com as mudanças climáticas.

TODAS AS VIDAS TÊM A MESMA IMPORTÂNCIA

Nas nossas Comunidades religiosas, despertamos a consciência do “EU SOMOS NÓS” para manter a harmonia com o ambiente natural, onde tudo e todos têm ligação. Todos somos Natureza: terra, água, ar, vegetais, pessoas, animais, astros e estrelas, fenômenos naturais,

toda a existência em formas e expressões. Nossa cosmovisão é a totalidade, onde tudo interage gerando e reproduzindo equilíbrio e continuidade.

São valiosos os comportamentos que mostram a importância das tradições religiosas e das instituições religiosas enquanto formadoras de opinião e de valores sociais sobre as percepções, manifestações e, especialmente, sobre a identidade cultural de cada ser humano.

Nosso papel é educar e conscientizar nossas comunidades de que, quando lidamos com a Natureza, devemos produzir uma cultura de preservação. É na ação e interação com ela que definimos os caminhos que queremos para chegar a um destino de convivência com prosperidade, saúde e paz. É assim nosso encontro com nossas Divindades: Orixás, Inkices, Voduns, Ancestrais, Caboclos, Pretos Velhos, Encantados, Guias, Mentores.

O DESAFIO É DESCOBRIR QUAL É NOSSA CONTRIBUIÇÃO

Ao olharmos para nós mesmos e para a vida que vivemos dentro do sagrado, podemos vir a reconhecer que

a verdadeira solução para a crise ambiental começa em nós mesmos, no que somos e fazemos, no entendimento de que todas as vidas têm a mesma importância e desempenham papéis fixos, mas em conjunto. Se rompermos com esse elo, todo o equilíbrio será perturbado na Natureza visível.

Quando observamos a nossa forma de vida, sabemos do nosso compromisso ancestral de defender a nós mesmos e aos outros, de cuidar do que é comum a todos. Esse é o grande desafio, descobrir a nossa contribuição perante as diferentes visões expressas numa sociedade industrializada, consumista e exploradora dos recursos naturais.

Atualmente, cerca de 80% das emissões de gases de efeito estufa são produzidos por indústrias, empresas, queimadas de vastas extensões de florestas, densos congestionamentos rodoviários e outros. Entretanto, há pequenos detalhes diluídos nas rotinas da humanidade que precisam de atenção redobrada, tanto para recuperar as condições básicas de desempenho sustentável, quanto para resgatar práticas saudáveis de relações econômicas, como redescobrir produtos naturais para retomar o lugar ocupado pelos industrializados.

densos congestionamentos rodoviários e outros. Entretanto, há pequenos detalhes diluídos nas rotinas da humanidade que precisam de atenção redobrada, tanto para recuperar as condições básicas de desempenho sustentável, quanto para resgatar práticas saudáveis de relações econômicas, como redescobrir produtos naturais para retomar o lugar ocupado pelos industrializados.

Nossa transmissão cultural afro-brasileira, com seus saberes, está à disposição para troca de conhecimento na permanente busca de elevação existencial.

INCENTIVAMOS PRÁTICAS RELIGIOSAS MAIS SUSTENTÁVEIS

Buscamos aprender a minimizar os conflitos existentes entre a necessidade de conservação do ambiente e a livre expressão religiosa afro-brasileira, que envolve os resíduos provenientes das oferendas. Assim, adeptos e simpatizantes são incentivados às práticas religiosas mais conscientes, sustentáveis e alinhadas com a Natureza, com respeito e reverência.

As oferendas são práticas realizadas com o intuito de estabelecer uma ligação entre os homens (mundo material) e Divindades (mundo imaterial). É o estabelecimento de uma relação de troca: se oferta para pedir, agradecer, ou simplesmente para agradar e atrair boas situações. A primeira medida é entregar as ofertas naturalmente na terra, o que facilita sua transformação em matéria biodegradável.

As práticas sustentáveis de deposição de oferendas são iniciativas que contribuem com a preservação do meio ambiente, dando exemplo e mostrando o quanto temos importância no processo de construção de um contexto melhor para o mundo em que vivemos.

Para além das tradições religiosas afro-brasileiras, é preciso envolver todas as camadas da sociedade em uma série de medidas educativas e de participação efetiva no debate ambiental para minimizar os agentes que provocam o desequilíbrio da Natureza e das relações biológicas.

À Grande Mãe Terra, chamada por nós de Onilé (Ìyáńlá), detentora de toda a Natureza, que é nossa mãe e todos nós somos seus filhos, aquela que nos dá a vida, nos abriga, nos nutre a vida, sem a qual não podemos sobreviver e nos receberá após a vida: abençoe a humanidade e cada ser que vive com ela!

À humanidade, como filha: cuide dela para que não diminua sua capacidade de cuidar!

Axé! Axé! Axé!

Iyá Liliana d'Oxum *- Mãe Liliana d'Oxum, Iyalorixá e Iyanifá, sacerdotisa de umbanda e dirigente espiritual da Comunidade da Pedra Branca, em São Paulo (SP)*

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A AÇÃO CLIMÁTICA:
5 IDEIAS PARA PÔR EM PRÁTICA

Você sabe o que é ação climática?

São ações individuais ou coletivas que visam contribuir para a redução do aquecimento global, e promover capacidade de adaptação às consequências das mudanças climáticas.

1 INFORMAR-SE!

Somente nos mobilizamos para resolver um problema quando entendemos sua gravidade e percebemos os impactos que ele causa em nosso dia a dia. Busque sempre informações qualificadas, pesquise, faça perguntas, procure dados atualizados, acompanhe as notícias e programas sobre a crise climática e outros temas ambientais.

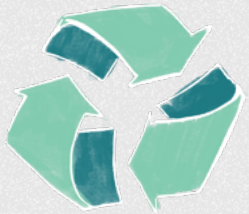
Neste Guia, apresentamos, em grandes linhas, o que são mudanças climáticas, além de vídeos e textos que estão nas nossas sugestões de materiais complementares ("Saiba mais").

2 MUDAR SEUS HÁBITOS!

Procure fazer escolhas conscientes com relação aos seus hábitos individuais e converse com familiares, amigos, vizinhos e membros da sua comunidade de fé para que também façam a parte deles.

Algumas sugestões:

- Use água e luz de forma consciente;
- Sempre que possível, troque o carro e a motocicleta pelo transporte público, a bicicleta ou a caminhada;
- Prefira utensílios reutilizáveis ao invés dos descartáveis, como os sacos e as sacolas plásticas do mercado;
- Dê preferência a mercadorias de produtores locais;
- Reduza o consumo de carnes;
- Diminua o lixo que você produz e recicle o que for possível. Experimente também fazer compostagem com os resíduos orgânicos de sua casa ou comunidade.



3 DIALOGAR COM SUA COMUNIDADE!

Compartilhar conhecimento é muito importante, mas é necessário ir além. Escutar o que os membros da sua comunidade pensam sobre crise climática e sobre quais medidas eles acham importante - e possível - pôr em prática pode ser uma excelente maneira de começar a se mobilizar coletivamente!

Organize uma reunião em sua comunidade de fé e convide mais pessoas para participarem. Como temas de discussão, vocês podem abordar:

- Quais são os principais problemas ambientais do bairro ou cidade em que sua comunidade religiosa está inserida?
- Como os membros de sua comunidade percebem as mudanças climáticas e seus impactos?
- Como os problemas ambientais impactam a saúde das pessoas?
- De que forma a comunidade religiosa pode se organizar para buscar alternativas de enfrentamento desses problemas?

4 CONHECER E PARTICIPAR!

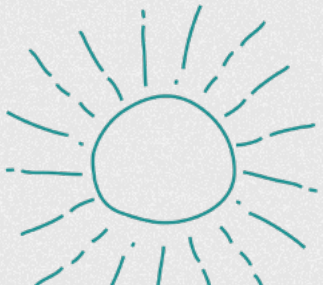
Além de compreender o que são as mudanças climáticas e dialogar sobre isso com a sua comunidade, é fundamental SABER COMO e ONDE AGIR.

Procure saber quais são as instâncias de participação popular do seu município e estado. Informe-se sobre o Conselho Municipal do Meio Ambiente, o Conselho Estadual de Meio Ambiente e o Comitê de Bacias Hidrográficas e suas atribuições, por exemplo. Além disso, conheça melhor as organizações e movimentos ambientais do seu bairro ou cidade e participe deles.

5 VOTAR CONSCIENTE!

Os responsáveis por criar leis e implementar políticas públicas de enfrentamento à crise climática são os políticos eleitos pela população. Antes de escolher os representantes aos quais você confiará o seu voto nas eleições:

- Leia atentamente as propostas políticas dos candidatos/candidatas;
- Escolha candidatos (as) comprometidos (as) com as pautas ambientais, climática e da sustentabilidade;
- Após o resultado das eleições, acompanhe a atuação e o posicionamento dos representantes que você elegeu. Fiscalize!



SAIBA MAIS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Assunto	Título	Instituição	Acesse aqui
Florestas & Amazônia	A importância das florestas em pé	Ipam	Link
	Fórum Global dos Governadores para Clima e Florestas – GCF		Link
	Amazônia em chamas: o que queima e onde		Link
	O ar é insuportável – Os impactos das queimadas associadas ao desmatamento da Amazônia brasileira na saúde		Link
Mudanças climáticas	Impactos das mudanças climáticas no Brasil	Inpe	Link
	Causas das mudanças climáticas	WWF Brasil	Link 1 | Link 2
	Economia da mudança do clima no Brasil: custos e oportunidades	Ipam	Link
	Acordo de Paris sobre o Clima	ONU	Link
	Monitoramento da implementação da política climática brasileira	WRI Brasil	Link
	Falar de mudanças climáticas é falar sobre a sua vida	Greenpeace	Link
	Mudanças do clima	Inpe	Link
	A Covid-19 intensificou a crise climática	Cidadania Inteligente	Link
	5 estratégias para, ao mesmo tempo, mitigar e se adaptar às mudanças do clima	WRI Brasil	Link
	Podcast Revoar - 2ª temporada: crise climática e democracia	Laut	Link
	Políticas de clima	WWF Brasil	Link
	Livro: Mudanças do clima: tudo que você queria e não queria saber Autor: Sérgio Margulis	iCS & Konrad Adenauer Stifitung	Link
	Rio Negro, Manaus e as mudanças no clima	Instituto Socioambiental	Link
	O futuro que queremos	Inpe	Link
	Calculadora de Emissões de Pessoas no Brasil	Observatório do Clima	Link
	Politica Nacional de Mudança do Clima - 2020	Instituto Talanoa	Link

Mares, rios e oceanos	Década do Oceano e a corrida contra o tempo	Eco	**Link**
	Manual de Ecossistemas Marinhos e Costeiros para Educadores	Rede Biomar	**Link**
Efeito estufa	Efeito estufa	Inpe	**Link**
	Camada de ozônio		**Link**
Justiça Climática	Injustiça ambiental e saúde no Brasil	FioCruz	**Link**
	Juventudes e Justiça climática	British Council	**Link**
	Visão das Juventudes	Engajamundo	**Link**
	Cartilha Juventude e Justiça Ambiental	FASE	**Link**
	Justiça Climática	Andréia Coutinho	**Link**
	Racismo Ambiental	Rita Maria da Silva Passos	**Link 1**
		Tatiane Matheus (ClimaInfo)	**Link 2**
	Racismo Ambiental	Diosmar Filho	**Link**
	Clima e Direitos Humanos	Conectas	**Link**
	Gênero e Clima	Observatório do Clima	**Link 1 | Link 2**
Ciclo do carbono	O ciclo do carbono	Inpe	**Link**
IPCC	6º relatório do IPCC comentado (2021)	Observatório do Clima	**Link**
Acordo de Paris	Acordo de Paris - uma guia para os perplexos		**Link**
Energia	Clima e energia	WWF Brasil	**Link**
Cidades e clima	Recaminhar e se reapropriar da cidade	Engajamundo	**Link**
	Soluções para emissões de gases nos municípios brasileiros	SEEG Municípios	**Link**

CONHEÇA ALGUMAS ORGANIZAÇÕES REFERENCIAIS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO BRASIL: Clique nos nomes e acesse o link

- Centro Brasil no Clima (CBC)
- ClimaInfo
- COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
- CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – Nacional
- Empodera Clima
- Instituto Clima e Sociedade
- Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM)
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)
- Instituto Socioambiental
- Observatório do Clima
- WRI Brasil
- Instituto Talanoa
- Iyaleta - Pesquisa, Ciência e Humanidades
- Política por inteiro
- Rede Jandyras
- Plataforma subnacional para o Clima
- WWF Brasil
- Clima de Eleição
- Engajamundo
- Fridays For Future Brasil
- Instituto Perifa Sustentável
- XR Regenerar

A lista de referências e demais fontes acima serão periodicamente atualizadas e publicadas no site do Fé no Clima. Consulte!

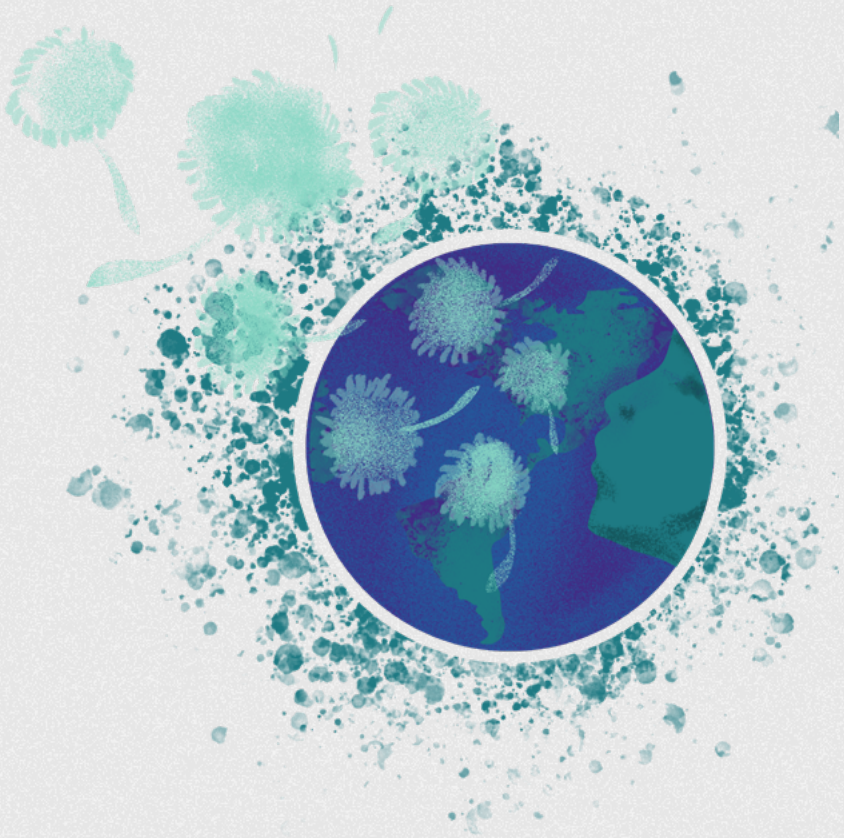
A iniciativa Fé no Clima busca mobilizar e reunir lideranças religiosas de diferentes crenças para a conscientização de suas comunidades de fé no enfrentamento à crise climática. Fazemos isso por meio do diálogo entre cientistas, religiosos, ambientalistas e representantes de povos indígenas, com objetivos de adaptação, resiliência e justiça climática.

Estamos aqui para contribuir com vocês nessa missão!
Acesse nossos canais de comunicação, entre em contato:

site: www.fenoclima.org.br

/Fé no clima

O Guia Fé no Clima pretende servir de inspiração e de instrumento de apoio para que religiosos e grupos de fé possam agir - das formas mais diversas possíveis - para construirmos mecanismos de mitigação e adaptação às consequências da grave crise climática que já nos atinge.



ISER

Fé no Clima
Comunidades religiosas e mudanças climáticas